

**EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: ALIANDO LUGARES DE MEMÓRIA À PRÁTICA  
DOCENTE**


**HERITAGE EDUCATION: ALLYING PLACES OF MEMORY TO TEACHING  
PRACTICE**

Recebido em: 27/07/2023

Aceito em: 31/08/2023

Publicado em: 28/09/2023

Fernando Souto Dias Neto<sup>1</sup> 

Carine Medianeira Buss Flores<sup>2</sup> 

**Resumo:** O presente trabalho contempla as pesquisas dos dois autores, os quais se debruçam sobre o Patrimônio Histórico e Cultural. Na temática, encontram-se elementos que vão desde a Memória, Patrimônio, Cultura, e Identidade, conceitos que se entrelaçam e emergem em torno da ação educativa, que se refere à Educação Patrimonial, a partir disso, propõem atividades como inserção de lugares de memória para a busca de saberes, sobre a produção e inserção de sujeitos na sociedade do tempo recente. Outras questões são desdobradas, o que faz com que a pesquisa se desenvolva e percorra seu caminho através de uma narrativa dos pesquisadores, em que compila suas experiências, trajetórias, conectam-se com estudos de autores consolidados no campo das áreas em questão através de um levantamento de literatura pertinente. Alguns dos resultados atingidos passam pela educação patrimonial como forma de compreensão de uma inserção social no tempo recente, por sua vez, demonstrando a perpetuação de modos de vida dos mais diversos grupos sociais, até mesmo o entendimento de uma ação educativa que extrapola os enquadramentos, molduramentos das práticas de ensino.

**Palavras-chave:** Educação; Identidade; Memória; Patrimônio.

**Abstract:** The present work includes the research of the two authors, focusing on historical and cultural heritage. The theme includes elements of memory, heritage, culture, and identity, concepts that intertwine and revolve around the educational action related to heritage education. This gives rise to activities such as the insertion of memory sites for the search for knowledge, on the production and insertion of themes in the society of recent times. Other questions are raised that lead to the development of the research, making its way through a narrative of the researchers, in which they compile their experiences and careers and connect with the studies of consolidated authors in the field, through a study of the relevant literature. Some of the results obtained refer to the formation of cultural heritage as a way of understanding social inclusion in recent times, which reveals the maintenance of lifestyles of the most diverse social groups, also the understanding of an educational action that goes beyond the frames, the framings of classroom practice.

**Keyword:** Education; Identity; Memory; Patrimony.

<sup>1</sup> Doutorando em História pelo PPGH da UFSM Bolsista CAPES/DS. E-mail: fernando.neto@acad.ufsm.br

<sup>2</sup> Professora de Educação Infantil e Mestranda em Patrimônio Cultural pelo PPGPC da UFSM. E-mail: carinebussflores.cf@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Tornar uma prática educativa significativa, esta é uma das premissas deste trabalho, em que se articulam saberes entre o autor e a autora através das suas vivências conjugadas ao longo de suas trajetórias. Entender o contexto em que estão inseridos passa a ser uma questão de conhecer não apenas a si, mas também o outro, tal qual a necessidade de um eterno retorno ao passado, a um olhar aguçado para o presente, para que o temido e incerto futuro esteja a caminho nos oferecendo uma possibilidade de diálogo e não separação entre as culturas.

Conjugando essas ideias, parte-se para o espaço em que se está inserido, bem como o lugar na sociedade que ocupam, de seus territórios aos próprios ofícios, nos quais promovem a busca por uma ação que contemple as múltiplas formas de se exercer uma prática cidadã. Como opção, escolha, é lançado o ensaio de forma que se constitua um olhar sobre a educação patrimonial, de forma que se configure como uma ação educativa entre essa manifestação de busca do saber, que passa pelo entendimento do papel docente e a percepção dos espaços que promovem as memórias de povos, populações, comunidades e grupos sociais.

Com um olhar atento, dá-se sequência à postura em que se adota, atenção à memória individual ou coletiva, de forma que as tornem significativas para as populações, assim como a questão da cultura, seja ela múltipla ou singular. No entanto, não basta se debruçar apenas sobre os conceitos, que também são importantes, é preciso extrapolar esses limites, enquadramentos e molduras.

Dessa forma, observa-se o patrimônio cultural que remete aos lugares de memória nas suas mais diversas manifestações, como nos museus e outros espaços que configuram a potência educativa para com os sujeitos que pertencem e aqueles que dividem territórios. Compreender essas manifestações de patrimônio, memória, cultura e identidade, vai para além da busca de respostas, da pesquisa de origem, promove a união das populações, bem como sua coexistência, e não uma rivalização nesses espaços sociais transitados pelos sujeitos.

## METODOLOGIA

O processo de desenvolvimento da ação educativa no qual o docente se insere passa por inúmeros desafios não só nos dias de hoje, ocorre do início da sua prática aos movimentos que vêm sendo realizados a mais tempo, fazendo com que compreenda que o ensino, não apenas em relação aos saberes que contemplam a historiografia de maneira que sejam transpassados

para a Educação Básica, torna-se palpável, até mesmo materializado. Enfim, esse processo vem a se tornar cada vez mais necessário nos dias de hoje.

É um consenso na academia, também entre grande parte dos docentes das Ciências Humanas, a constante necessidade de afirmar esse campo do saber como elemento que deve ser primado, para que se promova tal inserção social dos sujeitos a fim de integrar uma prática enquanto cidadãos do meio em que estão inseridos.

Mas, afinal, como justificar, promover, objetivando um motivo e até mesmo um argumento no qual se fundamentam as humanidades na questão que alie o currículo enquanto um enquadramento de saberes, entendendo que há a necessidade de não caracterizar um engessamento calcado naquilo que seja fixo, mas sim ajustável e adaptável à realidade contemplada? A questão se torna mais profunda, isso quando se refere à realidade em que se está inserido, entrelaçada com a realidade dos educandos, além de integrar uma forma de contemplar um plano institucional que venha a entender e, até mesmo, produzir saberes que estejam ligados à comunidade trabalhada.

Esses movimentos elencados até o presente momento fazem parte de atividades que os docentes e pesquisadores vêm desenvolvendo e participando ao longo de suas trajetórias. Objetivando uma nova forma de imersão no patrimônio, seja ele local e em alguns momentos regional, é possível visualizar sua potência enquanto elemento gerado, não apenas como forma de nostalgia, ou de retorno ao passado, mas também uma forma de se projetar o futuro, fazendo com que se torne elucidada a inserção do indivíduo no tempo presente, podendo até mesmo abrir caminhos para novos debates e pesquisas.

Uma das técnicas que foi empregada no ensaio são as visitas *in loco*. Aqui vale lembrar que os docentes em sua trajetória passaram a conjugar papéis que caracterizam seus estudos e pesquisas, logo, estando atrelados ao patrimônio cultural, à historiografia, e ao ensino, dessa forma, buscando a aplicabilidade nas suas salas de aula. Para isso, entende-se que: “[...] o potencial educativo dos *objetos geradores* reside no exercício de alargamento do nosso ser no mundo, da experiência de viver a historicidade do ser que dá existência a nós e ao mundo, em suas múltiplas ligações” (RAMOS, 2008, p. 40).

Portanto, entender o papel do que Ramos (2008) chama de objetos geradores vem a remontar esses espaços nos quais ocorre a imersão dos sujeitos, sejam eles docentes, estudantes

ou pesquisadores. Acredita-se na potência desses elementos enquanto as propriedades geradoras nas quais lhe são conferidas.

Remonta-se, no entanto, ao questionamento: o que seriam esses lugares de memórias? Algum espaço formal, institucionalizado, ou haveria de se entender que todo o ser, indivíduo, sujeito, estaria capacitado a apreender suas memórias, sejam elas das mais diversas categorizações possíveis? Para tal, pensa-se que os museus se inserem como casa de memórias (e por que não de esquecimentos). Para pensar tais concepções, realizou-se uma revisão de literatura e levantamento bibliográfico sobre algumas das práticas educativas através do patrimônio, entendendo como a materialidade das memórias se inserem em espaços museológicos. Conforme a autora:

Trata-se de uma pedagogia direcionada para a educação da memória, a partir das referências patrimoniais que, por um lado, busca amparar do ponto de vista técnico os procedimentos museológicos e, por outro, procura ampliar as perspectivas de acessibilidade e problematizar as noções de pertencimento (BRUNO, 2011, p. 120).

No decorrer de nossa trajetória docente, e o trânsito por inúmeras realidades, além da maior rotatividade de educandos, instituições, turmas e níveis, foi possível observar – pois seria um tanto quanto pretensioso dizer entender – que se torna necessário a imersão em espaços que deem significado para aqueles alunos. Também se observa que a escola é um local de trânsito de inúmeras formas de inserção social, a qual traz consigo diversas subjetividades, e que desde o início do ano letivo, ou conforme necessidade, deve haver esse diagnóstico de realidade para que se tenha o ensino e a prática educativa como uma forma de contemplar, até mesmo ajustar e refinar tais saberes que são postos na atmosfera escolar.

A partir disso, traz-se a narrativa dos docentes, os quais entendem que não há uma via única por parte do ensino, mas sim uma troca, em que os saberes se ajustam, além de demandar uma constante atualização e busca por conhecimento dos docentes. Por sua vez, compreende-se que o conhecimento, até mesmo por parte do ensino, não é dado como pronto e fechado, mas sim em constante fabricação. As políticas curriculares e os demais dispositivos que as regem são molduras, no entanto, podem ser ajustadas. Dessa forma, refletimos junto de Haigert (2011, p. 139):

[...] propõem não somente uma nova maneira de utilização dos bens culturais do passado e do presente, mas também uma nova postura por parte do educador, no sentido de incorporar os bens culturais ao processo de aprendizado, como auxiliares no desempenho das funções de construção de conhecimento.

Logo, o que se pode entender com as técnicas empregadas sobre os locais de memória é a importância na qual se insere o patrimônio cultural nesse movimento realizado por uma pedagogia, na qual vem a se propor a Educação Patrimonial, em que se objetiva contemplar a realidade local. Cabe lembrar que os indivíduos são carregados e atravessados pela cultura, o que, por conseguinte, leva ao entendimento de uma enunciação de identidades, que configuram formas de inserção desses sujeitos, além de corresponderem a esses lugares sociais que eles ocupam.

Conforme essa presença, essas visitas que vão ao encontro de bens culturais, o patrimônio, reverberando a memória e trazendo traços dessas identidades que estão presentes nesses espaços, tanto no micro cotidiano quanto na realidade ampliada, é possível se abrir para novas discussões através dessa manifestação de cultura e da sobreposição de alguns elementos sobre outros:

[...] ele torna possíveis certas pesquisas em função de conjunturas e problemáticas comuns. Mas torna outras impossíveis; exclui do discurso aquilo que é sua condição num momento dado; representa o papel de uma censura com relação aos postulados presentes (sociais, econômicos, políticos) na análise. (CERTEAU, 1975, p. 35)

Consequentemente, é possível visualizar que esse campo da questão do patrimônio, que envolve a cultura e as identidades, principalmente no território que nos inserimos, o nosso país vem a configurar uma série de disputas entre memórias e o próprio patrimônio, sobretudo nas questões de emissão de discursos, pois na construção de uma narrativa também há conflito. Há, não raro, o desejo de marcar os tempos pelos vencidos ou se fazer ouvir as vozes daqueles que foram oprimidos. Para isso abrem-se as discussões, visando tornar o olhar sensível e cuidadoso, e que nos leva a interrogar as formas com que ocorrem tais inserções na sociedade que temos no presente.

## **O PATRIMÔNIO E A MEMÓRIA COMO GERADORES DE SABERES**

Para a construção de uma narrativa há reforços que exaltam e ao mesmo tempo omitem certos elementos, bem como possibilitam inúmeras leituras, isso na forma com que se dá a materialidade, daquilo que se torna visível, e, por sua vez, ocultando o indizível, que não é menos importante e também está ali para ser interrogado ou enunciado.

Os narradores históricos necessitam encontrar um modo de se tornarem visíveis em sua narrativa, não de autoindulgência, mas advertindo o leitor de que eles não são oniscientes ou imparciais e que outras interpretações, além de suas são possíveis (BURKE, 1991, p. 345).

Com essa abordagem, entende-se que o patrimônio venha a servir não apenas ao “coleccionismo”, ou até mesmo *voyeurismo*, que seja um mero elemento de curiosidade, haja vista que as tarefas se tornam mais complexas do que o simples assistir e a contemplação. O processo de trabalho com o patrimônio vem a ser como uma forma geradora, outrora necessitando ser interrogado, investigado, classificado e inserido nos espaços de forma que se torne significativa para uma comunidade ou um grupo de pessoas.

Precisamos pensar, ao lidar com o patrimônio, que o alvo não é o patrimônio em si, mas eles, os alunos. E a preocupação é como todos nós vamos lidar com este patrimônio que herdamos. [...] Nós, educadores e profissionais da área, temos que ter precisão em contribuir para que os alunos, todas as comunidades, possam utilizar os recursos que o patrimônio contém (BESSEGATTO, 2005, p. 52).

É necessário fazer com que o aluno, educando, enfim, o sujeito que ocupa determinado território ou territorialidade, compreenda que ele é fruto de uma série de processos, estes, por sua vez, fazem parte da constituição da forma com que ele se insere no espaço social. Para além, outra questão pode ser desdobrada, afinal, de que formas se explicitam e emergem no meio social os papéis que as sociedades, grupos e comunidades assumem e venham a ser alimentados e reproduzidos no cotidiano?

Podemos então entender que tanto na história de cada um dos seres humanos quanto na história coletiva, aparecem em todos os tempos bens que se tornam preciosos, dos quais os grupos sociais se orgulham, e cuja perda ou degradação poderá causar um empobrecimento das recordações deste indivíduo ou grupo (POHL, 2005, p. 65).

Dessa forma, pode-se entender que o papel da educação patrimonial vem a conjugar as formas com que os sujeitos se inserem na prática social e também promove essa ação educativa, que logo vem a perpetuar a memória individual ou coletiva. Outro movimento que se deve levar em conta é a manutenção desse passado, ou seja, através da memória, ou da produção do esquecimento, o que se refere ao apagamento, mesmo que ocorram projetos antropocentricos que venham a colocar matrizes, culturas e modos de representação de saberes como não-protagonistas, com a ideia de promover uma dominação dessas culturas. Tal processo pode fazer com que se tenha o entendimento do porquê algumas culturas foram marginalizadas e a composição de um processo de hierarquização, seja de saberes, culturas, ou modos de se enunciar nas diferentes sociedades.

O suporte fundamental da identidade é a memória, mecanismo de retenção de informação, conhecimento, experiências, quer em nível individual, quer social, e por isso mesmo, eixo de atribuições que articula, categoriza os aspectos multiformes de realidade (HAIGERT, 2005, p. 100).

Partindo desses pressupostos, é visível a categorização e a separação de elementos culturais, o que, por consequência, promove a rivalização dos sujeitos. Grupos sociais, bem como o patrimônio, as memórias, até mesmo as identidades se encontram em lugares de disputas.

Uma das maneiras de ampliar nossa compreensão é pelo estudo e observação do mundo vivido, do mundo que nos cerca, de nossa vida cotidiana, da nossa comunidade, com a qual partilhamos sonhos, desejos, necessidades e expectativas, na constituição de nossos saberes e fazeres que consolida nossa existência individual e coletiva (FRANCO, 2019, p. 37).

No mais, o processo que articula a prática pedagógica, o ensino, que no presente ensaio se destina à Educação Patrimonial, por sua vez, vem a contemplar uma leitura que se torna constante, que vem a se refletir nos lugares de memória, bem como sua inserção no cotidiano. Portanto, interrogar, catalogar e atualizar perante uma sociedade que se encontra cada vez mais veloz e fluída é um dos grandes desafios que a realidade nos impõe.

## A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO AÇÃO PEDAGÓGICA

64

DOI: <https://doi.org/10.56579/rei.v5i5.716>

REVISTA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

ISSN 2674-8703

v. 5, n. 5, jul.-ago. 2023

CEEINTER

À constante busca por formas de gerar o saber propõem-se a educação patrimonial, através da potência desses objetos com os quais reverberam a cultura e a identidade, pela memória individual ou mesmo as memórias coletivas. Esse movimento se faz presente na trajetória enquanto docente, ao mesmo tempo, demanda pesquisa, além de imersão nesses espaços. Entende-se, portanto, que

[...] a pedagogia do diálogo contida na “palavra geradora” constitui uma fonte de inspiração para o papel do museu no ensino de história. É plausível defender que uma das possibilidades para o início de uma alfabetização museológica pode ser o trabalho com objetos geradores. Em sala de aula, no museu, ou em outros espaços educativos, o professor ou o orientador faria uma pesquisa e escolheria objetos significativos para os alunos, ou participantes de certo grupo, e a partir daí realizaria exercícios sobre a leitura do mundo através dos objetos selecionados (RAMOS, 2004, p. 32).

Observa-se um jogo de exclusões que se organizam no pensamento histórico, hierarquizando os discursos que emanam dessas materialidades, que já se postam de forma hierarquizante. Afinal, quem está nos lugares de memórias e quem ou o que os selecionam? “Em cada momento, a “instituição histórica” se organiza segundo hierarquias e convenções que traçam as fronteiras entre os objetos históricos legítimos e os que não o são e, portanto, são excluídos ou censurados” (CHARTIER, 1945, p. 18).

A questão do cotidiano vem a nos remeter a esses regimes de potência, cujos elementos do passado se inserem na sociedade, logo, manifestando-se no tempo recente, produzindo formas de gerir a sociedade, de se organizar e exercer um controle de uns sobre os outros. Para essas afirmações, encontram-se algumas inscrições que se fundam da seguinte forma:

[...] há “histórias” que fornecem às práticas cotidianas o esconjurador de uma narratividade. Certamente, só descrevem alguns de seus fragmentos. São apenas metáforas delas. Mas, a despeito das rupturas entre configurações sucessivas do saber, representam uma nova variante na série contínua de documentos narrativos que, a partir dos contos populares, panóplias de esquemas de ação, até as descrições das artes da era clássica, expõem as maneiras de fazer sob as formas de relatos (CERTEAU, 2014, p. 133).

A emergência de narrativas que trazem as práticas com as quais convivemos nos dias de hoje vem a servir de aporte para a reprodutibilidade de discursos, as quais reverberam as memórias de um grupo, comunidade, ou até mesmo nações, que constituem a construção de sua identidade. Tanto o papel da escrita quanto o da oralidade se tornam ímpares nesse processo,



portanto, moldando, lapidando, ajustando os modos de se inserirem na sociedade, por sua vez, produzindo sujeitos com suas identidades, mostrando a variedade cultural sob a qual estamos imersos. Diante disso, é possível entender que:

A escrita traria maior liberdade, enquanto a oralidade conduziria a um saber mecânico, mnemônico, intangível. Ora, o estudo da tradição num meio oral mostra que os especialistas dessa tradição podem inovar, enquanto a escritura pode, ao contrário, apresentar um caráter “mágico” que a torna mais ou menos intocável (LE GOFF, 1990, p. 54).

Seja enquanto pesquisadores e/ou professores, o papel desses sujeitos vem a ser construído como essa imersão na realidade dos tempos. Para isso, o que se deve levar em conta? De que cultura estamos falando? Pois estamos imersos numa grande diversidade, que contempla grupos ou comunidades. Conforme o trajeto percorrido até aqui, conjuga-se às ideias de Bloch (1997, p. 128): “Quase nunca, em contrapartida, organizam de acordo com as exigências de um entendimento que quer conhecer. Assim como todo cientista, como todo cérebro que, simplesmente, percebe, o historiador escolhe e tria. Em uma palavra, analisa.”. Esse papel nos é posto nas salas de aula: trilhar um caminho, uma trajetória, que outrora contemple as histórias de vida de cada um, cada uma ali presente. Implica, portanto, promover um sentimento, um afeto, uma forma de pertencimento e identificação para com a comunidade que nos inserimos, seja étnica, nacional ou territorial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressalta-se a importância que se observa a partir dos relatos de docentes, nas inúmeras realidades em que se inserem e nos contextos que se deparam, logo, não apenas na sala de aula, pois esta última vem a reverberar aspectos e reflexos da sociedade. No mais, afere-se que a escola, como um todo, torna-se um banco de memórias, desde seus alunos e alunas, que carregam marcas dos territórios que perpassam, até professores e professoras, que, por sua vez, refletem um processo que faz o ajustamento daqueles saberes, formais ou informais, que fazem o atravessamento em si.

No que se refere ao extrapolar os muros da escola, espaço convencional de ensino, os lugares de memória parecem uma alternativa, até mesmo um modelo que possa se conectar com as atividades que venham a educar os sujeitos, a fim de promover uma prática cidadã. Destaca-

se aqui que as memórias estão acopladas ao patrimônio, bem como foi possível observar no decorrer do ensaio, e que expõem a identidade dessas comunidades como forma de emergir a diversidade cultural.

O que se passa a compreender é que as aulas nas quais se debruçam os docentes, nos anos finais ou iniciais, até mesmo na educação infantil, vem a promover uma experiência que marca os educandos de forma que promove uma nova visão e forma de entender o mundo. Sejam em museus, monumentos, centros culturais, até mesmo um passeio guiado, apresenta um novo modo de se enxergar a cidade, como uma forma de compreensão dos espaços em que se está inserido. No mais, acredita-se na potência desses lugares, afastando-se da ideia de se estar confinado entre quatro paredes.

Por fim, entende-se a necessidade de aliar o pensamento, todo esse arcabouço teórico, com uma prática, que acaba desaguando na Educação Patrimonial como uma forma de trazer essas questões da memória e da própria cultura e identidade para os educandos. Essa é uma das formas de mostrar como se perpetuam determinadas práticas, saberes e manifestações no nosso cotidiano. Acredita-se que esses movimentos, essas formas de ação educacional, podem por sua vez, conectar-se a saberes curriculares, como a história, possibilitando a ligação com outras habilidades que se tornam necessárias para a formação de sujeitos ao longo do processo educacional.

## REFERÊNCIAS

BESSEGATTO, Maurí Luiz. Aproximação pedagógica com o patrimônio. *In*: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer. **Educação patrimonial: perspectivas**. Santa Maria: UFSM – LEPA, 2005.

BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BRUNO, Cristina. Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória. *In*: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer. (org.) **As várias faces do patrimônio**. Santa Maria: Pallotti, 2011.

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. *In*. BURKE, Peter. (org.). **A escrita da história: Novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1975.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo.** Belo Horizonte: Autêntica, 1945.

FRANCO, Francisco Carlos. **Educação, patrimônio e cultura local: Concepções e perspectivas pedagógicas.** Curitiba: CRV, 2019.

HAIGERT, Cynthia Gindri. Patrimônio cultural: interagindo com a comunidade. *In:* MILDER, Saul Eduardo Seiguer. (org.) **As várias faces do patrimônio.** Santa Maria: Pallotti, 2011.

HAIGERT, Cynthia Gindri. Memória: do individual ao coletivo. *In:* MILDER, Saul Eduardo Seiguer. **Educação patrimonial: perspectivas.** Santa Maria: UFSM – LEPA, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História & Memória.** Campinas: Editoria UNICAMP, 1990.

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **O que é Patrimônio Histórico?** Tatuapé: editora e livraria brasiliense, 2010.

POHL, Angelo Inácio. Patrimônio cultural e representações. *In:* MILDER, Saul Eduardo Seiguer. **Educação patrimonial: perspectivas.** Santa Maria: UFSM – LEPA, 2005.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: O museu no ensino de história.** Chapecó: Argos, 2004.